

CAIXA  
CULTURAL

LINHAS, TRANÇADOS E CORES NO REINO DE GILVAN SAMICO

BRASILIA 2014



**CAIXA  
CULTURAL**

apresenta

**LINHAS,  
TRANÇADOS  
E CORES**

**NO REINO DE  
GILVAN SAMICO**

---

curadoria de Renata Pimentel

Visitação de 19 de março a 11 de maio de 2014

CAIXA Cultural Brasília

Presidenta da República  
**Dilma Vana Rousseff**

Ministro da Fazenda  
**Guido Mantega**

Presidente da CAIXA  
**Jorge Fontes Hereda**



A CAIXA Cultural recebe a exposição Linhas, Trançados e Cores: no Reino de Gilvan Samico que apresenta os traços e as figuras na xilogravura deste grande artista pernambucano. Um universo composto por histórias e memórias que estão presentes no seu imaginário e na própria cultura popular do Nordeste. A curadoria é de Renata Pimentel.

Gilvan Samico é reconhecido internacionalmente pela técnica da xilogravura, a arte de talhar desenhos em madeira e imprimir em papel ou em outro suporte. Suas obras são compostas por representações de personagens bíblicos, lendas e animais que instigaram sua imaginação desde a infância e por outros presentes em fábulas, como sereias e pavões. Inovando na arte da xilogravura e transpondo as páginas da literatura de cordel, Samico incorporou à técnica elementos estéticos próprios em composições caracterizadas pela simetria e iconografia particular.

Com esta exposição, a CAIXA reafirma sua política cultural, sua vocação social e a disposição de democratizar o acesso aos seus espaços e à sua programação artística; cumprindo, desta forma, seu papel institucional de estimular a criação e dar condições para que o artista possa apresentar seu trabalho e divulgar sua arte. A CAIXA acredita estar contribuindo não somente para a renovação e o fortalecimento das artes visuais no país, como também para a ampliação das oportunidades de desenvolvimento cultural do nosso povo.

CAIXA Cultural presents the exhibition *Lines, Braids and Colors: in the Kingdom of Gilvan Samico* which exhibits the woodcut traces and figures of this important artist from Pernambuco. A universe composed of stories and memories that are present in his imaginary and in the popular culture of Northeastern Brazil. The exhibition is curated by Renata Pimentel.

*Gilvan Samico is internationally recognized for the technique of woodcut, the art of carving drawings into wood and printing them on paper or other medias. His works are composed of representations of biblical characters, legends and animals which have inhabited his imagination since childhood, and by others present in fables, such as mermaids and peacocks. Innovating the woodcut art and surpassing the pages of 'cordel' literature, Samico incorporated his own aesthetic elements into the technique in compositions characterized by symmetry and iconography.*

*With this exhibition CAIXA reaffirms its cultural policy, its social vocation and its willingness to democratize access to its spaces and artistic program, fulfilling its institutional role of encouraging and providing artists with a platform to present and promote their art. CAIXA believes that it is not only contributing to the renewal and strengthening of the visual arts in the country, but that it is also expanding opportunities for the cultural development of our people.*

## Linhas, Trançados e Cores: no Reino de Gilvan Samico

Com quantas linhas se faz um desenho? Com quantos traços e cores se conta uma estória? E com que ingredientes de técnica, encanto ou magia se faz a fórmula para prender os espectadores, que se deixam encantar, ávidos e hipnotizados, pelos relatos que os transportam para outros mundos, fantásticos, míticos, possíveis?

Famosa é a narradora à Scherazade, que seduz o sultão por mil e uma noites, pela criação de relatos que o deixam cativo do desejo de mais saber e mais experimentar de reinos do visto/ouvido/imaginado. Muitos poetas, também, como Manoel de Barros, por exemplo, se reconhecem criadores de desenhos com palavras: a poesia cria imagens por meio da linguagem verbal. E o que faz o artista plástico, que se expressa por traços, cores, figuras ou abstrações? Cria imagens, obviamente. Mas também pode ser um curioso criador de mundos, de narrativas, de poéticas.

Eis o caso do sujeito desta aventura: Gilvan Samico, menino que não soube ser o aluno-modelo. Estudou em escola "do governo" e, assim, dizia de si: "sempre fui um aluno muito ruim, mas da aula de desenho eu gostava"<sup>1</sup>. De parecer não se enquadrar, descobria seu mundo. O pai é que, um dia, o levou ao ateliê de "um amigo pintor", Hélio Feijó. E o menino Gilvan descobria que precisava abrir olhos e criar seu próprio mundo, não só copiar as estampas de santo ou as capas de revista. Estamos em um tempo da infância. Assim descreve Samico: "Eu vivia numa época de espaços abertos, habitados por bichos, muitas árvores... Convivia com esses espaços e com cabras, bois, cavalos, passarinhos, cobras, sapos... Tudo isso passou a ser minha referência".

Invocando ainda a infância, então, entra outra personagem neste relato: foi com os olhos de menina, literalmente infante, que conheci o reino mágico daquele lindo homem de cabelos lisos e sempre um pouco mais longos e de barba cerrada. Uma voz doce e serena, que ecoava na sala do sobrado de pé direito altíssimo, todo amadeirado. Era a moradia de um menino-grande, que cresceu e permaneceu brincando de contar estórias no seu modo pessoal de desenhar.

E em Olinda, na casa de Gilvan Samico, lembro do arroz integral de Célida (esposa, companheira de toda uma vida, musa), da voz gentil dela e das tantas vezes em que ela curava crises de asma do meu irmão mais novo. Lembro do Corisco, o cachorro que se inquietava com o sino do Mosteiro de São Bento e punha as patas sobre o focinho. Lembro das escadas de madeira, com corrimão desenhado ou executado pelo próprio Samico. Lembro dos azulejos azuis da cozinha, também criação do senhor da casa. Lembro das cadeiras de espaldar alto, do assoalho, das ladeiras que se estendiam como parte do Reino mágico a que nos transportavam as visitas, na longa amizade entre meu pai e Samico. As manhãs de sábado, nos idos dos anos 1980, e os passeios à Oficina Guaianases de Gravuras<sup>2</sup>, quando a sede já era no Mercado da Ribeira, em Olinda, aquele universo de desenhos, imagens, gravuras... do qual fez parte Samico. Acompanhava, de novo e sempre, o meu pai, advogado, mas artista em fazer duradouras amizades e apreciador convicto e assíduo de arte, nas mais várias linguagens. E o fascínio pelo espaço

mítico de Samico, em que se instaura um outro tempo e se tecem memórias de outra ordem, permanece em mim até hoje, esteja eu lá ou onde estiver.

E é nessa dimensão do afeto que se teceu a curadoria desta exposição, do meu olhar de leitora de Samico, que cresceu testemunhando a criação do universo dele, acompanhando o processo, vendo ano a ano surgirem suas novas estórias em desenho, madeira, tinta e o finíssimo papel de arroz. Mas, também, conhecendo o pintor Samico, o perfeccionista artista que no processo de tornar-se amante íntimo dos materiais que elegia para trabalhar (todos eles, não só a madeira), ia criando vidas.

Samico se notabilizou como Xilogravurista, isso não é nenhuma novidade. Mas não se pode ignorar o exímio desenhista que, a certa altura da carreira, passou a criar apenas uma gravura anual e, nesse processo notório, produzia esboços e estudos em lápis grafite, fazia matrizes únicas para experimentar a criação, imprimia – sempre ele mesmo – por vezes duas ou três Provas de Artista; e com a mesma dedicação e o mesmo imaginário, pintou a óleo, desenhou em nanquim (a pena ou a pincel) sobre papel; criou o padrão dos azulejos da cozinha de sua casa, o corrimão de madeira da escada para o ateliê, as delicadas caixinhas de madeira em marchetaria (uma delas seria presenteadas à minha mãe), o cesto de papéis (criado na mesma técnica e que meu pai transformou em luminária, porque se recusou a esconder debaixo de alguma mesa de escritório).

A escolha da gravura, ele mesmo disse ter vindo ao acaso, como "uma topada, um acidente de percurso". O fato é que Samico e a madeira se encontraram e ele a elegeu como suporte, nela criando como quem compõe partitura, como quem escreve, como quem desenha em papel branco ou tela... Das antigas estampas de santos, das histórias bíblicas ou da tradição mítico-místico-religiosa de sua "aldeia natal" (para lembrar Tolstói e a máxima de alcançar o universo pelo retrato do vizinho homem conterrâneo), também do universo que ensaja as poesias de cordel e, ousado enxergar (pois que cada leitor escreve sua própria história da leitura), da sua leitura de mundo, Samico criou sua poética particular: as histórias povoavam sua cabeça de eterno menino tímido-sedutor no contar pelas imagens.

Como não ver em gravuras tantas os animais que o cercavam na infância: as cabras, os bodes, as cobras, os pássaros, a coruja e os cavalos? As águas dos rios de Recife? "A Louca do Jardim", os marginais poéticos como ele mesmo (artistas de circo, como nas "Recordações de um Malabarista"; criaturas oníricas como o "Comedor de Folhas"; cavaleiros quixotescos lutando contra serpentes, espécies de "São Jorges" pagãos em cruzadas contra dragões e serpentes); as flores vermelhas; as estrelas; os pássaros de fogo e os dragões; as lendas medievais e indígenas e a hagiografia ("Conversão de Santo Humberto"; "Tentação de Santo Antonio"; "Daniel e o Leão"; "Apocalipse"); o universo das fábulas ocidentais ("João, Maria e o Pavão Azul"; "A Bela e a Fera")...

Samico bebeu em tantas fontes daquilo que o encantava e tudo podia virar essa recontação ao seu estilo tão peculiar, no espaço de uma gravura em madeira: "Francisco e o Lobo de Mantua": aqui, São Francisco, já tão humano, é mostrado em seu encontro com o lobo feroz, em uma geografia que muda a cidade da história bíblica de Gáudio para Mantua; e como não pensar em "Suzana no Banho" e não lembrar a tela de Guido Reni (pintor italiano do século XVII), "Susana e os Velhos"?

Da gravura noturna do início dos anos 1950, com a Lua se destacando, conscientemente o artista vai chegando à abertura das linhas brancas, dos espaços em branco; ao uso das cores parcimoniosas e muito bem planejadas: basta observarmos o mesmo "O Rapto do Sol", nas versões de 1960 e de 1984. E como não pensar que, mais do que acaso, seria um disfarce da timidez de Samico, que assim o fazia definir seu encontro com a madeira? A condução de simplicidade e rigor, dedicação e ausência de pressa com que construiu seu reino poético é um dado tão revelador, é "chave" (elemento também frequente em seu imaginário) inequívoca para se atestar a imensa consciência com que conduziu o seu percurso criador e estético.

Bebia em muitas fontes, em muitas águas. Era um grande leitor e, como tal, vivia preenchido de um mundo interior mágico e fértil. Suas referências não são óbvias, não se pode ler sua obra pela superfície apenas. Há tantas sutilezas: "O outro lado do rio", por exemplo, seria jeito de o nosso Samico contar sua versão d'"A Terceira Margem do Rio", de Guimarães

Rosa, o mineiro tão sertanejo e regional quanto absolutamente universal e que, declaradamente, não acreditava em acasos?

E a gravura "O Fazedor da Manhã", para um bom leitor, não seria um inescapável diálogo com Manoel de Barros? Indo um pouco mais longe, lembro ainda mais de outro poeta, alagoano, mas que se radicou em Recife por muitos anos, Geraldino Brasil, em um de seus poemas intitulado "O Louco":

Inventou que era deus e fez das suas:  
Óleos n'água pingou, criou aquarelas  
Partiu uma maçã em duas luas  
e cortou carambolas fez estrelas.

Quis ser o diabo e riu nos desatinos:  
e riu caretas diante de dois cegos  
Falou na história antiga a dois meninos  
E da vida moderna a poetas gregos.

Chorou e o diabo o fez cortar cebolas  
e lhe enxugou as lágrimas com lãs  
de vidro e gritou puuum! com as suas artes.

Deus bondoso o acalmou com carambolas  
que comeu e então fez duas manhãs  
partindo uma laranja em duas partes.  
(Recife, 1990. In: O Fazedor de Manhãs)

No último lindo encontro que tive com Samico, pouco antes de ele ser internado pela última vez, perguntei se ele ficava satisfeito com esta exposição vir a acontecer, se ele confiava que eu a idealizasse...

Disse-lhe que se ele não quisesse, eu não faria... Magro, debilitado, ele me deu bênção; também me falou de o quanto era ainda cheio por dentro, o quanto ainda havia tanta coisa dentro dele. Mesmo após a sua viagem (em sua "Ascensão" de poeta louco e artista para o "Reino do Vai-não-Volta"?), em 25 de novembro de 2013, Samico segue em mim e em todos que conhecem sua obra, porque por ela e nela se encantam e se deixam povoar. Samico é muito maior que qualquer técnica, qualquer suporte em que tenha criado; imortalizou a si mesmo nas narrativas que deixou em seu poético reino de linhas, traçados e cores.

### Renata Pimentel<sup>3</sup>

Poço da Panela (Recife)  
18 de janeiro de 2014.

-

<sup>1</sup> As citações de Samico fazem parte de depoimento dele a Cristiano Ramos e Marco Polo (2001).

<sup>2</sup> Criada em 1974, por iniciativa de João Câmara e Delano, recebeu o nome da primeira rua na qual foi sediada: Rua Gualanases (no bairro de Campo Grande, em Recife), onde Câmara mantinha ateliê. Em 1979, ampliaram-se o grupo e as atividades, e a Gualanases se mudou para o Mercado da Ribeira (Olinda), durando até o ano de 1995, quando acabou sendo extinta.

<sup>3</sup> Renata Pimentel é poeta, professora adjunta de literatura na UFRPE/ Recife e curadora desta exposição.

## Lines, Braids and Colors: in the Kingdom of Gilvan Samico

*How many lines make up a drawing? How many traces and colors does it take to tell a story? And with which elements of technique, charm or magic, can you create the formula that will capture spectators, allowing themselves to be enchanted, eager and hypnotized, by stories that take them away to other fantastic, mythical, and possible worlds?*

*The famous narrator Scheherazade seduces the sultan for a thousand and one nights by creating stories that make him a prisoner to his desire to know more and experience visual/aural/imagined kingdoms. Many poets, such as Manoel de Barros, for example, recognize themselves as creators of drawings with words: poetry creates images through verbal language. And what does the visual artist do, who expresses himself through lines, colors, figures and abstractions? They create images, obviously. But they can also be curious creators of worlds, narratives and poetics.*

*Such is the case of the individual in this adventure: Gilvan Samico, a boy who did not know how to be a model student. He studied in a "government" school and, as he used to say about himself: "I have always been a very bad student, but I liked the drawing class"<sup>1</sup>. By not fitting in, he was discovering his world. One day, his father took him to the studio of "a painter friend," Hélio Feijó. And the boy Gilvan found out that he needed to open his eyes and create his own world, and not only copy the patterns of the saints or the magazine covers. We are in a time of childhood. Samico described: "I lived in an era of open spaces, inhabited by animals, many trees ... I lived with these spaces and with goats, oxen, horses, birds, snakes, frogs ... All of that became my reference."*

*Still invoking childhood, another character appears in this*

*story: it was with a girl's eyes, literally an infant, that I got to know the magic kingdom of that beautiful man with straight hair, always a little bit longer, and a bushy beard. A sweet and quiet voice that echoed through the very high right ceiling of the front room, all made of wood. The house of a big boy who grew up and continued playing and telling stories in his personal way of drawing.*

*And in Olinda, at the house of Gilvan Samico, I remember Céilda's brown rice (his wife, companion of a lifetime, Muse), her gentle voice and the many times she cured my young brother's asthma attacks. I remember Corisco, the dog, that was always disturbed by the bells of the Saint Benedict Monastery, putting his paws on his muzzle. I remember the wooden stairs, with the handrail designed or executed by Samico himself. I remember the blue kitchen tiles, also a creation of the master of the house.*

*I remember the high-backed chairs, the floor, the hillside that stretched out as a part of the Magic Kingdom to where our visits took us, the long friendship between my father and Samico. The Saturday mornings, in the 1980s, and the tours to the Oficina Guaianases de Gravuras<sup>2</sup>, when it was already located in the Mercado da Ribeira, in Olinda, that universe of drawings, pictures, engravings... of which Samico was a part. I accompanied, again and always, my father, who was a lawyer, but an artist when it came to making lasting friendships, and a devoted and frequent appreciator of art, in its various languages. And the fascination for the mythic space of Samico, in which another time installs itself and in which memories of another order*

*are weaved, remains in me today whether I'm there or wherever I am.*

*And it is in this dimension of affection that the curatorship of this exhibition was woven, from my eyes as Samico's reader, as someone who grew up witnessing the creation of his universe, watching the process, every year watching new stories arise in drawing, wood, paint and in thin rice paper. But also knowing the painter Samico personally, the perfectionist artist who in the process of becoming an intimate lover of the materials he chose to work with (all of them, not just wood), was creating lives.*

*Samico became known as a Woodcutter - this is nothing new. But the skilled graphic artist, at one point in his career, began to create only one annual print cannot be ignored. In this notorious process he produced sketches and studies in graphite pencil, making unique matrices just to to experiment with the creation, and printed - always himself - sometimes two or three Artist's Proofs, and with the same dedication and the same imagery, painted oils, and sketched in ink (pen or brush) on paper; he created the patterns of the kitchen tiles for his home, the wooden handrail on the stairs to his studio, the delicate wooden boxes in machetaria (one of them would be presented to my mother), the wastebasket (created by the same technique, and that my father turned into a lamp because he refused to hide it under an office table).*

*The choice of engraving, as he used to say, came by chance, as "a stumble, an accident." The fact is that Samico and wood found each other and he chose it as a medium, creating in it like someone who*



composed a score, as a writer, as someone who draws on a blank paper or canvas... From old saint prints, Bible stories or the mythical-mystical religious tradition of his "native village" (to remember Tolstoy and the maxim about reaching at the universe through the portrait of your fellow neighbour), also from the universe that is inspired by Cordel Literature and, I dare to see (since each reader writes his own story from his reading), his own reading of the world, Samico created his particular poetic: the stories filled his head, the eternal seductive and shy boy, telling through images. How can one not see, in the engravings, the animals that surrounded him in his childhood: goats, rams, snakes, birds, the owls and the horses? The water of Recife's rivers? "A Louca do Jardim", the poetic marginals like himself (the circus performers, as in "Recordações de um malabarista"; dreamlike creatures such as the "Comedor de Folhas"; quixotic knights fighting snakes, a kind of "Saints Georges", pagans in crusades against dragons and snakes); the red flowers, the stars, the fire birds and the dragons; medieval and indigineous legends and hagiography ("Conversação de Santo Humberto"; "Tentação de Santo Antonio"; "Daniel e o Leão"; "Apocalipse"); and the universe of Western fables ("João, Maria e o Pavão Azul"; "A Bela e a Fera")...

Samico drank from so many sources that delighted him and everything could turn into telling a story in his peculiar style, in the space of a wood engraving: "'Francisco e o Lobo de Mantua": here, here, Saint Francis, already so human, is shown in his encounter with the fierce wolf, in a geography that trades the biblical story city of Gáudio for Mantua, and how not to think about "Suzana no Banho" without

remembering the painting by Guido Reni (the Italian painter from the seventeenth century), "Susanna and the Elders"?

From the nocturnal engravings in early 1950s, with the moon standing out, the artist consciously draws near to the opening of the white lines, to blank spaces; to the use of the very well planned and parsimonious colors: we only have to look at the same "O Rapto do Sol", in the 1960 and 1984 versions. And how not to think that, more than by chance, it would be the disguise of Samico's shyness that made him define his encounter with wood as such? The conduction of simplicity and rigor, dedication and lack of haste with which he built his poetic kingdom is so revealing, it is the "key" (also a frequent element in his imagination) to attest to the immense awareness with which he trailed his creative and aesthetic path.

He drank from many sources, from many waters. He was an avid reader and, as such, lived filled with a magical and fertile inner world. His references are not obvious, it's not possible to read his work only on the surface. There are so many subtleties: Could "O Outro Lado do Rio", for example, be Samico's way of telling his version of "The Third Bank Of The River", by Guimarães Rosa, the 'mineiro' so 'sertanejo', regional and absolutely universal and who, professedly, did not believe in chance?

What about the engraving "O Fazedor da manhã", for an avid reader, couldn't this be an inescapable dialogue with Manoel de Barros? Going a little further, it reminds me of one more poet Geraldino Brasil, from Alagoas, but who lived in Recife for many years, in one of his poems entitled "O louco" ("The Crazy Man"):

Inventou que era deus e fez das suas:  
Óleos n'água pingou, criou aquarelas  
Partiu uma maçã em duas luas  
e cortou carambolas fez estrelas.

He decided he was God and gave in to his moods:  
Oils drippin' in the water, created watercolors  
Sliced an apple in two moons  
and cut starfruits to make stars.

Quis ser o diabo e riu nos desatinos:  
e riu caretas diante de dois cegos  
Falou na história antiga a dois meninos  
E da vida moderna a poetas gregos.

Wished he was the devil and laughed at follies:  
and laughed faces before two men who could not see  
To two boys, he told the ancient story  
And of modern life to the poets of old Greece.

Chorou e o diabo o fez cortar cebolas  
e lhe enxugou as lágrimas com lãs  
de vidro e gritou puuum! com as suas artes.

Cried and the devil made him cut onions  
and wiped the tears with wool  
of glass and shouted puuum! with his own art.

Deus bondoso o acalmou com carambolas  
que comeu e então fez duas manhãs  
partindo uma laranja em duas partes.  
(Recife, 1990. In: O Fazedor de Manhãs)

Good God soothed him with starfruits  
which ate and then made two mornings  
cutting an orange in two parts.

(Recife, 1990. In: O Fazedor de Manhãs / 'The Morning Maker')

In the final lovely moment I had with Samico, a little before he was hospitalized for the last time, I asked if he was satisfied with this exhibition, if he trusted me to create it ... I told him that if he didn't want it, I wouldn't do it ... Thin, frail, he gave me his blessing; he also told me about how much he was still full inside, how there was still so much inside of him. Even after his journey (From his "Rise" as a poet, madman and artist to the "Kingdom of No Return" (?), on November 25th, 2013, Samico remains in me and in all of those who know his work, because they allowed themselves to be enchanted and inhabited by it. Samico is much bigger than any technique, or any medium in which he created; he immortalized himself in the narratives that he left in his poetic kingdom of lines, braids and colors.

Renata Pimentel<sup>6</sup>

Poço da Panela (Recife)

January 18th, 2014.

<sup>1</sup> The quotes from Samico are part of his testimony to Cristiano Ramos and Marco Polo (2001).

<sup>2</sup> Founded in 1974 on the initiative of João Câmara and Delano, it was named after the first street on which it was based: Rua Guaianases (Guaianases Street, in the Campo Grande neighborhood, Recife), where Câmara held a studio. In 1979, the group and activities expanded, and the Guaianases moved to the Mercado de Ribeira (Olinda), lasting until 1995, when it was extinguished.

<sup>3</sup> A person from the state of Minas Gerais.

<sup>4</sup> A person from the 'sertão' (backlands) of Brazil.

<sup>5</sup> M.d.T. tradução do livro do poema "O Fazedor de Manhãs", feita especialmente para a exposição.

<sup>6</sup> Poet, Phd in Literary Theory, Professor of Literature at UFRPE/Recife, and curator of this exhibition.

“Samico é de uma simplicidade franciscana. Até parece não estar consciente da sua importância para a arte brasileira. Ao receber um prêmio, um reconhecimento pelo seu trabalho genial, como o prêmio Johnny Walker, fica surpreso: -‘Por que fui escolhido?’ Só nos resta responder: -‘Porque você, Samico, é o maior gravador brasileiro; é possível que em 40 anos de gravura e depois de tantas premiações, inclusive a da Bienal de Veneza, você ainda não se tenha convencido?’ Alguns críticos querem rotular a obra de Samico, atribuindo-lhe conotações regionais e apelidos. É impossível, no entanto, ligar a gravura de Samico a movimentos nascidos em Pernambuco. Apesar de inspirar-se em motivos regionais, o trabalho de Samico é universal. (...) a xilogravura de Samico é tão universal como a música de Béla Bartók, que teve como fonte as canções folclóricas de sua Hungria natal. Aliás, referi-me a Bartók, pois a xilogravura de Samico lembra-me a música de Bartók, tem raízes populares, mas é erudita; parece simples, mas é extremamente complexa, pois só se revela após uma longa convivência. A gravura de Samico é pura, mas profundamente misteriosa...

Acompanho o trabalho de Samico há quase 30 anos, tive o privilégio de ver muitas de suas gravuras antes de editadas, e reconheço: cada nova obra é uma surpresa encantadora. Pois, aparentemente semelhantes, cada xilo é completamente diferente, cada uma encerra um novo mundo de arte e criação. Cada xilo confirma o grande artista que é o meu dileto e fraternal amigo Gilvan Samico.”

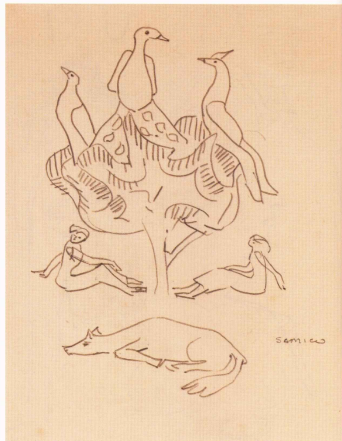
RAMIRES TEIXEIRA

*"Samico has a Franciscan simplicity. He even seems not to be aware of his importance to Brazilian art. When he receives an award as a recognition for his brilliant work, like the Johnny Walker Award, he is surprised: - 'Why was I chosen?'. We can only respond: - 'Because you, Samico, are the most important Brazilian engraver, is it possible that you are still not convinced after 40 years working on engraving and after so many awards, including that one at the Venice Biennale? Some critics want to label the work of Samico by assigning nicknames and regional connotations. It is impossible, however, to connect the engravings of Samico to the movements of Pernambuco. Although it's inspiration is based in this region, the work of Samico is universal. (...) The Samico's woodcuts are as universal as the music of Béla Bartók, who had the folk songs of his native Hungary as his source. I referred to Bartók because the Samico's woodcuts remind me of the music of Bartók, it has popular roots, but it is erudite, it seems simple but is extremely complex, as is revealed only after one is better acquaintance with his work. Samicos' engraving is pure, but deeply mysterious... I have been following the work of Samico for almost 30 years, I had the privilege of seeing many of his prints before they were edited, and I admit: each new work is a delightful surprise. Whilst apparently similar, each xylo is completely different, each enclosing a new world of art and creation. Each xylo confirms the great artist who is my beloved and fraternal friend Gilvan Samico."*

RAMIRES TEIXEIRA



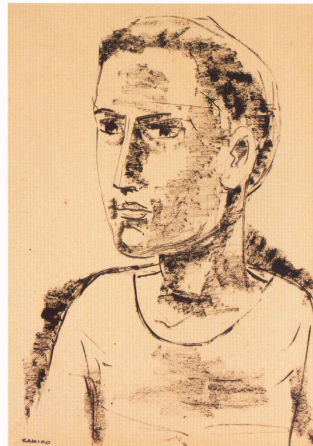
*Sem título, 1958 / Desenho / 33,5x22cm*  
*Untitled, 1958 / Drawing / 33,5x22cm*



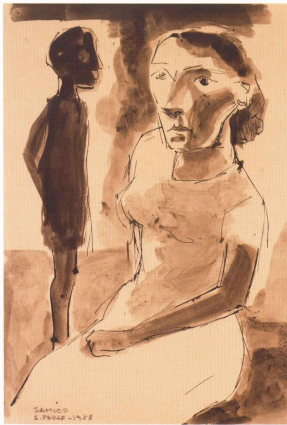
*Sem título, 1958 / Desenho / 20,7x25,5cm*  
*Untitled, 1958 / Drawing / 20,7x25,5cm*



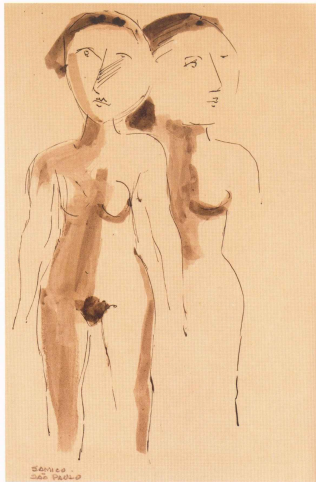
*Sem título, 1958 / Desenho / 31x21,2cm*  
*Untitled, 1958 / Drawing / 31x21,2cm*



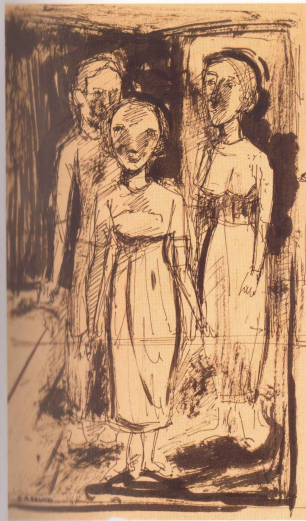
*Sem título, Sem data / Desenho / 33x22cm*  
*Untitled, Undated / Drawing / 33x22cm*



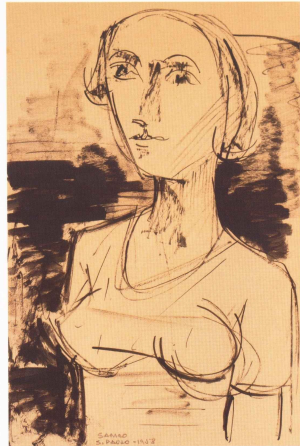
*Sem título*, 1958 / Desenho / 26,5x21cm  
*Untitled*, 1958 / Drawing / 26,5x21cm



*Sem título*, Sem data / Desenho / 31x21cm  
*Untitled*, Undated / Drawing / 31x21cm



*Sem título*, 1958 / Desenho / 24,5x14cm  
*Untitled*, 1958 / Drawing / 24,5x14cm



*Sem título*, 1958 / Desenho / 33x22cm  
*Untitled*, 1958 / Drawing / 33x22cm



*Sem título, 1958 / Desenho / 33,5x22cm*

*Untitled, 1958 / Drawing / 33,5x22cm*



*Sem título, 1958 / Desenho / 26,5x21cm*

*Untitled, 1958 / Drawing / 26,5x21cm*

“Gilvan Samico não é apenas um extraordinário gravador. Ele é um dos mais importantes artistas brasileiros vivos. Desde quando, nos anos 60, definiu e delimitou seu universo simbólico, ao mesmo tempo que consolidava sua linguagem xilográfica, ele nunca mais deixou de encantar o Brasil com sua gravura impecável. Impecável na técnica: tudo em sua gravura é imediatamente apreensível, transparente. Nela não existem truques ou subterfúgios. Impecável na linguagem: clara, concisa, depuradíssima, sua gravura é peniforme, heráldica, minimalista, por vezes barroca. Impecável na escolha dos temas, oriundos do fabulário sertanejo e do cordel nordestino, com seu épico de vinditas, histórias de amor e crime, lendas, animais e personagens mitológicos. Impecável na narrativa, que combina rigorosa simetria e precisa compartimentação espacial com a movimentação contínua e a fluência temporal. Todos esses elementos – técnica, linguagem, temas, narrativa – desenvolvidos com precisão cristalina, resultam em obras de uma beleza envolvente, por vezes arrebatadora.”

FREDERICO MORAES

*“Gilvan Samico is not only an extraordinary engraver. He is one of the most important living Brazilian artists. Ever since, in the 60s, he defined and delimited his symbolic universe, while consolidating his woodcut language, he never failed to enchant Brazil with his impeccable engraving. With an Impeccable in its technique: everything in his engraving is immediately understandable, transparent. In it there are no tricks or subterfuges. Impeccable in language: clear, concise, highly refined, his print is feather-shaped, heraldic, minimalist, and sometimes baroque. Impeccable in his choice of themes arising from ‘sertanejo’ (backcountry) fables and from the Cordel literature of northeastern Brazil, with its epic vendettas; stories of love and crime, legends, animals and mythological characters. Impeccable in its narrative that combines rigorous symmetry and spatial partitioning with continual movement and temporal fluency. All these elements - technique, language, themes, narrative - developed with crystal clear precision, results in engaging, sometimes overwhelming, works of beauty.”*

FREDERICO MORAES



*A Bela e a fera, 1996 / Xilogravura / 91,5x47cm*  
*Beauty and the Beast, 1996 / Woodcut / 91,5x47cm*



*Estudo para xilogravura A Grande Rosa Vermelha, 1961*  
*Xilogravura / 24x16,5cm*  
*Study for the woodcut The Big Red Rose, 1961*  
*Woodcut / 24x16,5cm*

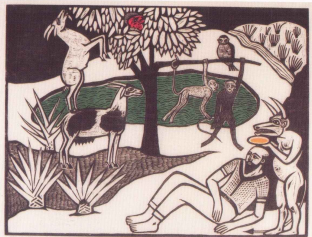


*A Grande Rosa Vermelha, 1961 / Xilogravura / 20,5x10,7cm*  
*The Big Red Rose, 1961 / Woodcut / 20,5x10,7cm*





*A Louca do Jardim*, 1963 / Xilogravura / 37,2x47,2cm  
*The Crazy Woman of the Garden*, 1963  
 Woodcut / 37,2x47,2cm



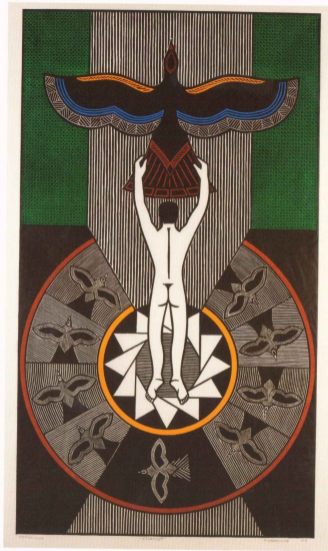
*A Tentação de Santo Antônio*, 1962 / Xilogravura / 34x45cm  
*The Temptation of Saint Anthony*, 1962 / Woodcut / 34x45cm



*Apocalypse*, 1964 / Xilogravura / 36x50,8cm  
*Apocalypse*, 1964 / Woodcut / 36x50,8cm



*A Chave de Ouro do Reino do Vai-não-Volta*, 1969  
 Xilogravura / 55x32,5cm  
*The Golden Key to the Kingdom of no Return*, 1969  
 Woodcut / 55x32,5cm



Ascensão, 2004 / Xilogravura / 93,2x53cm  
Ascension, 2004 / Woodcut / 93,2x53cm



Comedor de Folhas, 1962 / Xilogravura / 48x42,7cm  
The Leaf Eater, 1962 / Woodcut / 48x42,7cm

"A current and archaic emotion. Arises, in them and in us, an ancient significance that comes not only from religious themes, such as the popular matrix from which he brings his formal language, his iconography."

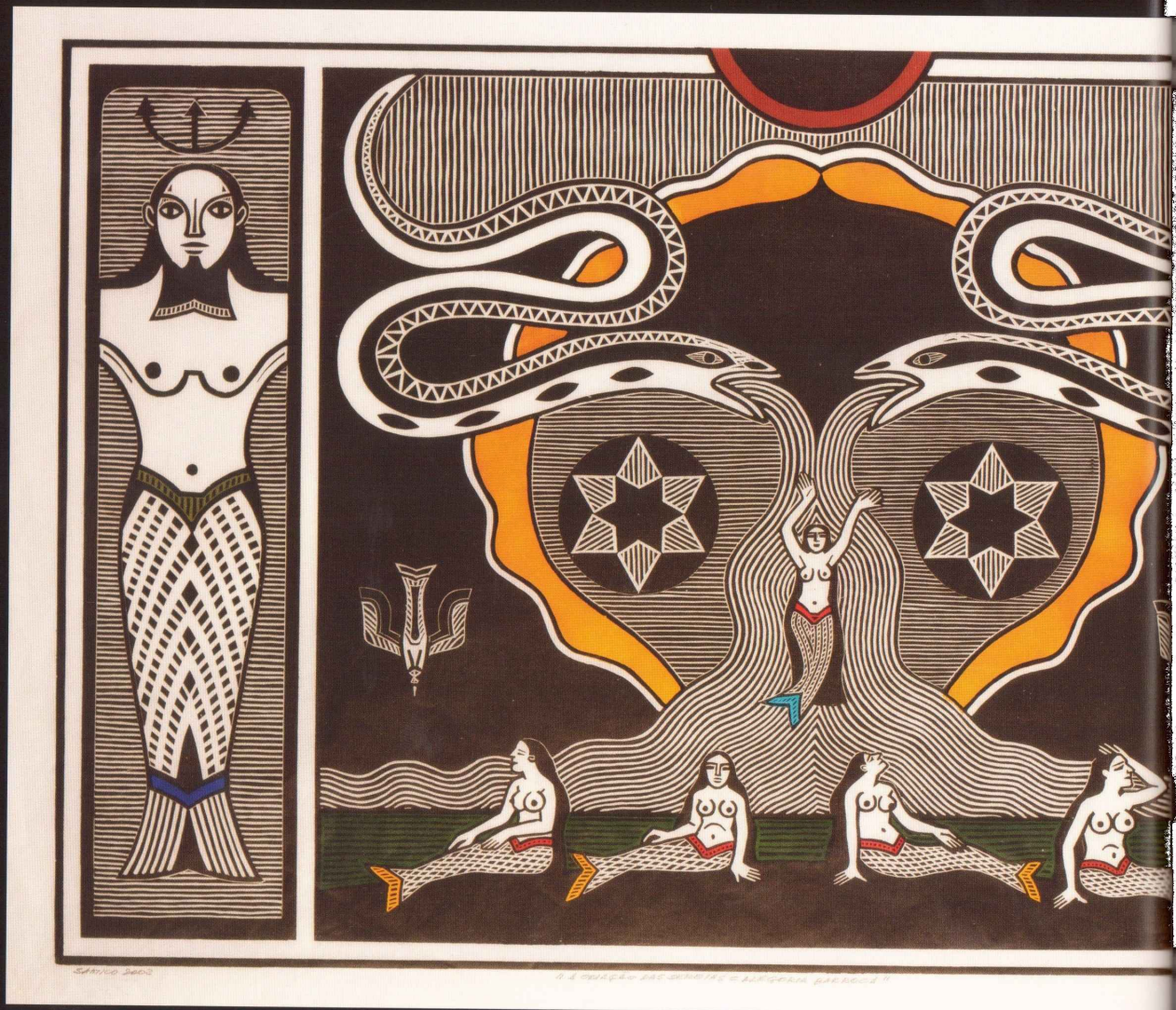
FERREIRA GULLAR



Conversão de Santo Humberto, 1962 / Xilogravura / 44x52,5cm  
The Conversion of St. Hubert, 1962 / Woodcut / 44x52,5cm

"Uma emoção atual e arcaica. Aflora, nelas e em nós, um significado antigo, que vem não apenas dos temas religiosos, como da matriz popular em que bebe a sua linguagem formal, a sua iconografia."

FERREIRA GULLAR



*Criação das Sereias - alegoria barroca, 2002 / Xilogravura / 55,8x91,2cm*

*The creation of Mermaids – a baroque allegory, 2002 / Woodcut / 55,8x91,2cm*



“Em suas últimas gravuras há maior frequência de um eixo de simetria, pêndulo imobilizado no tempo ou fiel do eterno, o que contrasta com o contingente equilíbrio ou o iminente passo de suas figuras. Essas figuras, que são a visita do artista a seus próximos e iguais, são retratadas com ternura e aceitação severina de sua beleza plebeia. E nessas gravuras, precisamente cortadas e límpidas, encontram seu castelo.”

JOÃO CÂMARA FILHO

*“In his latest prints there is a greater frequency of an axis of symmetry, a pendulum fixed in time or faithful to the eternal, which contrasts with the contingent balance or imminent step of his figures. These figures, which are the artists visit to his equals and those nearby, are portrayed with tenderness and ‘severina’ acceptance of its plebeian beauty. And these prints, precisely cut and clear, they have found their castle.”*

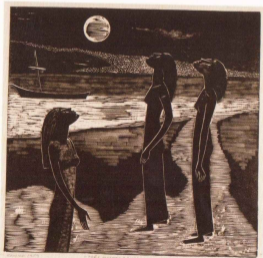
JOÃO CÂMARA FILHO



*Coruja, 1959 / Xilogravura / 44,7x14,8cm*  
*Owl, 1959 / Woodcut / 44,7x14,8cm*



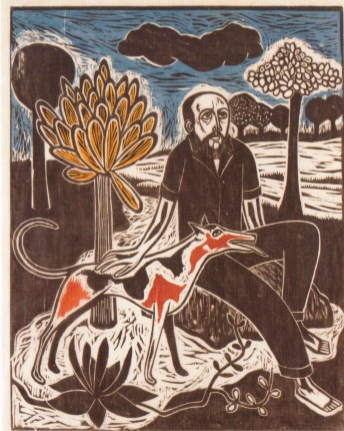
*Daniel and the Lion, 1961 / Xilogravura / 34,5x47,7cm*  
*sem título, 1961 / Woodcut / 34,5x47,7cm*



*Três Mulheres e a Lua, 1959 / Xilogravura / 26,5x27,3cm*  
*Three Women and the Moon, 1959 / Woodcut / 26,5x27,3cm*



*Mulher e Pássaro, 1958 / Xilogravura / 20,3x12,6cm*  
*Woman and Bird, 1958 / Woodcut / 20,3x12,6cm*



*Francisco e o Lobo de Mantua, 1960 / Xilogravura / 39x31cm*  
*Francis and the Wolf of Mantua, 1960 / Woodcut / 39x31cm*

"Sua obra nada tem de ingênua, primitiva ou popular, no sentido correto dos termos. Pelo contrário, é consciente, atualizada e disposta a um refinamento que resulta da vivência do artista no centro da contemporaneidade."

ROBERTO PONTUAL



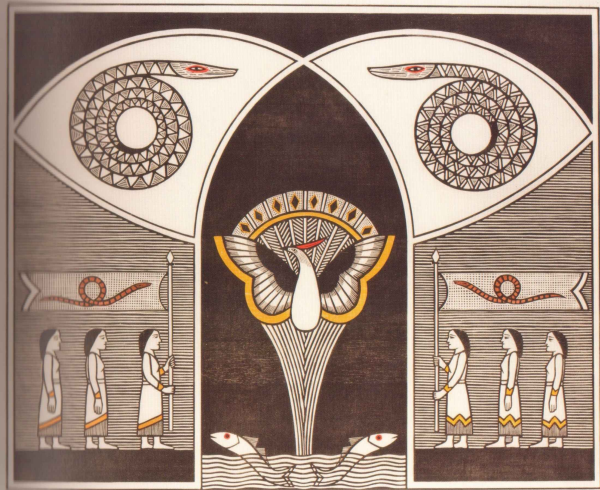
*Homem e Cavalho, 1958 / Xilogravura / 24x35,5cm*  
*Man and Horse, 1958 / Woodcut / 24x35,5cm*



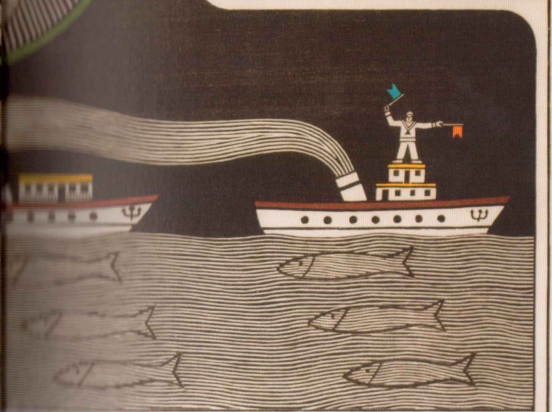
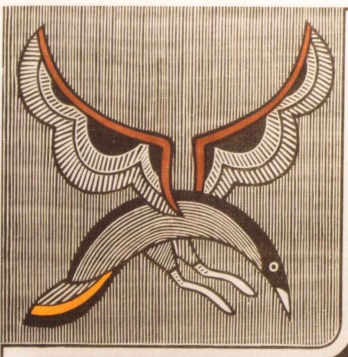
*João, Maria e o Pavão Azul, 1960 / Xilogravura / 24,5x31cm*  
*John, Mary and the Blue Peacock, 1960 / Woodcut / 24,5x31cm*

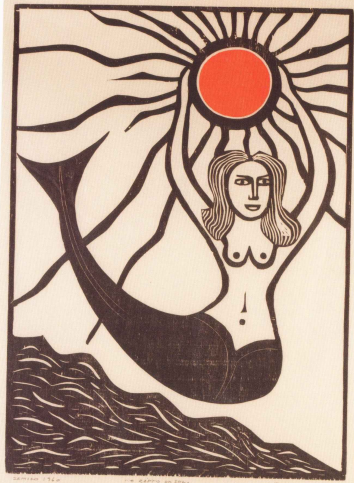
"His work has nothing naive, primitive or popular in the correct sense of those terms. Rather, they are conscious, up-to-date and with a refinement that results from the artist living in the midst of contemporary society."

ROBERTO PONTUAL

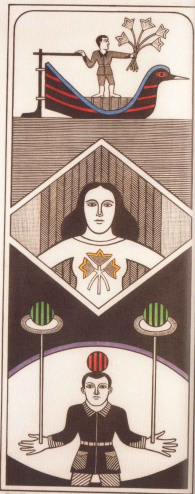


*O Fazedor da Manhã, 1982 / Xilogravura / 57,5x70,5cm*  
*The Morning Maker, 1982 / Woodcut / 57,5x70,5cm*

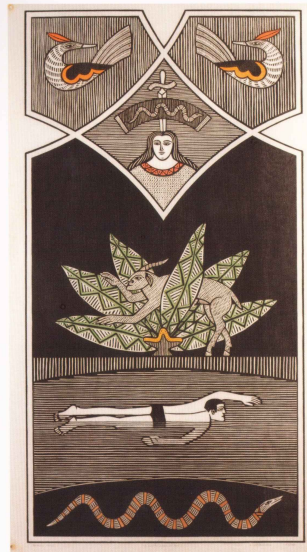




*O Rapto do Sol, 1960 / Xilogravura / 47,5x34,5cm*  
*The Abduction of the Sun, 1960 / Woodcut / 47,5x34,5cm*



*Recordações de um Malabarista, 1976*  
*Xilogravura / 90x35,5cm*  
*Memories of a Juggler, 1976*  
*Woodcut / 90x35,5cm*



*O Outro Lado do Rio, 1980 / Xilogravura / 90x47cm*  
*The Other Side of the River, 1980 / Woodcut / 90x47cm*

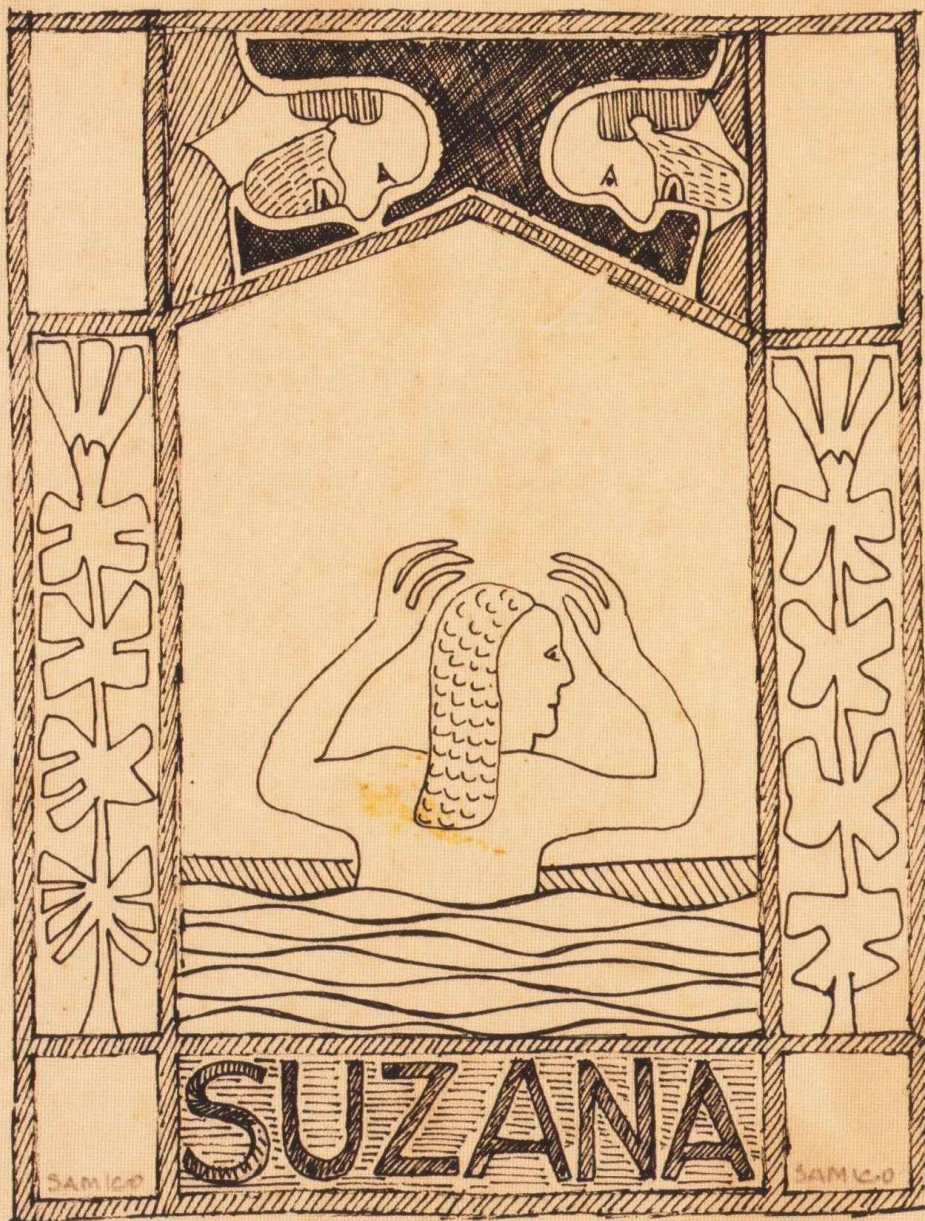


“Diferentemente daquele artista que trabalha apenas voltado para a exploração, ou o aproveitamento dessas técnicas e dessas construções, há na sua obra essa questão democrática e ao mesmo tempo solidária da igualdade, que é uma aproximação às suas fontes, às suas bases e à existência. Por isso mesmo, na obra de Samico há uma celebração dessas igualdades, pela execução maravilhosa: porque o prodígio da execução é uma coisa de grande encantamento popular. Seduz a alma e seduz a vista a qualidade de execução de sua obra.”

JOÃO CÂMARA FILHO

*“Differently from the artist whose works only focus on exploration, or on taking advantage of these techniques and constructions, his work has a democratic question which is also supportive of equality, which is an approximation to his sources, his bases and to existence. Therefore there is a celebration of these equalities in the work of Samico through the wonderful execution: because the miracle of execution is a thing of great popular enchantment. The quality of his work’s execution seduces one’s soul and one’s sight.”*

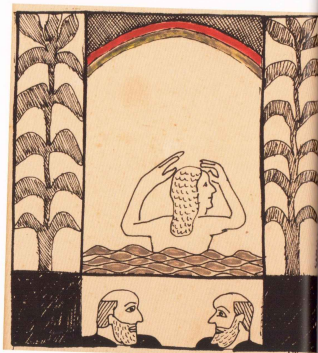
JOÃO CÂMARA FILHO



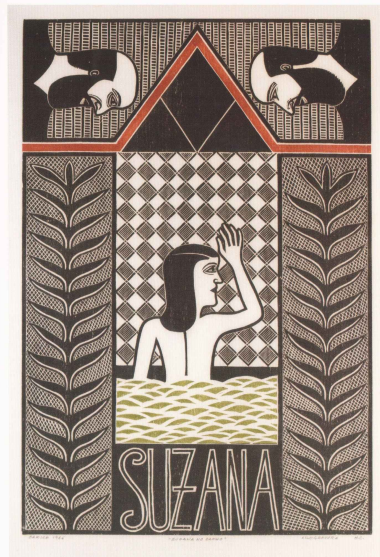
*Estudo para xilogravura Suzana no Banho, 1966 / Desenho / 20x16cm*  
*Study for the woodcut Suzana in the Bath, 1966 / Drawing / 20x16cm*



*Estudo para xilogravura Suzana no Banho, 1966*  
 Desenho / 27x22cm  
*Study for the woodcut Suzana in the Bath, 1966*  
 Drawing / 27x22cm



*Estudo para xilogravura Suzana no Banho, 1966*  
 Desenho / 12,5x11cm  
*Study for the woodcut Suzana in the Bath, 1966*  
 Drawing / 12,5x11cm



*Suzana no Banho, 1966 / Xilogravura / 51,3x34,8cm*  
*Suzana in the Bath, 1966 / Woodcut / 51,3x34,8cm*

“Samico detém toda a concepção do espaço moderno, sem que com isso perca, em nenhum momento, a capacidade de valorizar o seu eu, as suas histórias específicas, os seus medos, as suas dúvidas e é, evidentemente, um trabalho fruto de uma obsessão, de uma dedicação, como Frederico Moraes cita num texto, de uma dúvida, de um talvez, de um não saber, quer dizer, um saber não sabendo. Cada gravura é um inicial de uma gravura primeira, isso me parece muito interessante, muito importante na obra de Samico, como lição, como um comportamento de um artista. Eu procuro ver essa questão hoje como sendo fundamental no momento em que vivemos, na arte brasileira.”

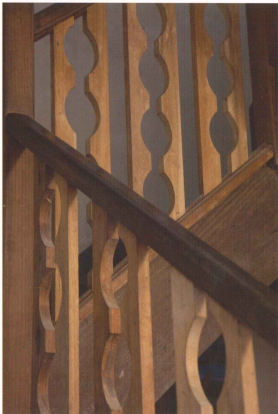
MARCUS DE LONTRA COSTA

*“Samico owns all of the modern conception of space, without missing at any moment his ability to value himself, his specific stories, his fears, doubts and, evidently a work which is the result of an obsession, of dedication, as Frederico Moraes quotes in a text. Of questioning, of not knowing, I mean, the knowledge of not knowing. Each print is the beginning of a first print, this seems to be very interesting, very important in the in Samico’s work, as a lesson, as the behavior of an artist. I look at this issue as fundamental now, in the moment we live today, in Brazilian art.”*

MARCUS DE LONTRA COSTA



*Marchetaria - caixa marchetada feita pelo artista / Madeira / 6,2x13,5x13,5cm / Coleção Renata Pimentel*  
*Marquetry - marquetry box made by the artist / Wood / 6,2 x13,5 x13,5cm / Collection Renata Pimentel*



Carpintaria - detalhe do corrimão do atelier do artista  
Carpentry - detail of the bannister in the artist's studio



Azulejaria - detalhe da cozinha do artista  
Tiling - detail of the artist's kitchen

"É o Tempo o grande assunto ou preocupação intrínseca da gravura de Samico. Ele está presente na escolha de temas pretéritos, tanto quanto arcaicos e bíblicos, tempos biográficos da vida dos santos. Está suspenso nas patas dos cavalos dos peregrinos, nas asas dos grandes pássaros, na viagem dos Barcos do Destino, nas lentas correntezas dos rios da vida, nas onduladas trilhas de curvas vagarosas abertas pelo aço da goiva, na espera perpétua da "Louca do Jardim", na deliberada estereotipia dos personagens.

Tempos fluentes e tempos congelados."

JOÃO CÂMARA FILHO

*Time is the great subject or intrinsic concern of Samico's engravings. It is present in the choice of past tense themes, as much archaic as biblical, the biographical time of the life of the saints. It is suspended on the hooves of the horses of the pilgrims, on the wings of large birds, on the trip of the Boat of Destiny, on the slow currents in the rivers of life, in the rolling tracks of slow curves opened by the steel of the gouge in perpetual wait for the "Louca do Jardim", on the deliberate stereotype of the characters. Fluent and frozen times.*

JOÃO CÂMARA FILHO

## Nota Biográfica

Gilvan José de Meira Lins Samico, nascido em 15 de junho de 1928, no Recife/PE, cresceu no bairro de Afogados. Ainda muito jovem surgiu seu interesse pelo desenho. Em 1952 fez parte da fundação, junto a um grupo de artistas, do Ateliê Coletivo da Sociedade de Arte Moderna do Recife, idealizado e capitaneado por Abelardo da Hora. A primeira gravura, numa placa de gesso, foi feita ainda no contexto do Ateliê Coletivo. Samico experimenta, então, a madeira. A inquietude de pesquisar o leva, em 1957, a São Paulo, quando estuda gravura e desenho com Lívio Abramo, na Escola de Artesanato do Museu de Arte Moderna de São Paulo. No ano seguinte, muda-se para o Rio de Janeiro, onde se torna aluno de Oswaldo Goeldi, na Escola Nacional de Belas Artes. Regressa a Recife em 1965 e fixa residência em Olinda, interrompida apenas pelo intervalo de dois anos na Europa, em decorrência do Prêmio de Viagem ao Exterior do Salão Nacional de Arte Moderna de 1968. Samico atuou ainda como professor de xilogravura da Universidade Federal da Paraíba. Seguiu seu rigoroso trabalho de criação residindo em Olinda e, a partir de 1975, iniciou sua notória produção de uma única gravura anualmente. Para se eternizar em sua arte, deixou-nos em 25 de novembro de 2013.



## A Biographical Note

*Gilvan José de Meira Lins Samico, born on June 15th, 1928, in Recife, Pernambuco, grew up in the Afogados neighborhood. His interest in drawing emerged while he was still very young. In 1952 he was part of the foundation, together with a group of artists, of the Ateliê Coletivo da Sociedade de Arte Moderna do Recife (Collective Atelier of the Modern Art Society of Recife), conceived and captained by Abelardo da Hora. The first print, on a plasterboard, was created in the context of the Collective Atelier. It was at this time that Samico experimented with wood. The restlessness of searching leads him to São Paulo, in 1957, when he starts to study engraving and drawing with Lívio Abramo, at the Escola de Artesanato do Museu de Arte Moderna de São Paulo (School of Crafts of the Museum of Modern Art of São Paulo). The following year, he moved to Rio de Janeiro, where he became a student of Oswaldo Goeldi, at the Escola Nacional de Belas Artes (National School of Fine Arts). He returned to Recife in 1965 and fixed his residence in Olinda, interrupted only by an interval of two years in Europe due to a Foreign Travel Award from the Salão Nacional de Arte Moderna, 1968 (National Salon of Modern Art). Samico was also a professor of engraving at the Universidade Federal da Paraíba (Federal University of Paraíba). He followed his rigorous schedule of creation while living in Olinda and, since 1975, began his notorious production of a one single engraving annually. Eternalizing himself in his art, Samico left us in November 25th, 2013.*

## Exposições individuais, coletivas e prêmios Solo Exhibitions, Group Exhibitions and awards

### Exposições individuais | Solo Exhibitions

1960 Galeria LEMAC, Recife

1964 Galeria Prefeitura do Recife

1965 Petite Galerie, Rio de Janeiro

1966 Reitoria da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa  
Galeria do Teatro Popular do Nordeste, Recife

1970 Casa do Brasil, Madri

1985 Museu Nacional de Culturas Populares, México

1989 Bolsa de Arte de Porto Alegre

1994 Cumpliadedes, Cooperativa de Atividades Artísticas, Porto  
Recife - Raizes - Resultados, Porto

1995 Sylvio Nery da Fonseca Escritório de Arte, São Paulo

1996 Gravuras e Pinturas, Galeria Sobrado, Olinda

1997 Samico - 40 Anos de Gravura - Centro Cultural Banco do  
Brasil, Rio de Janeiro

1998 Samico - 40 Anos de Gravura - Museu de Arte Moderna  
Aloisio Magalhães, Recife

1999 Samico - 40 anos de Gravura - Museu da Pampulha, Belo  
Horizonte

2000 Ver & Verso Pernambuco - Museu de Arte Moderna Aloisio  
Magalhães, Recife

2001 Tempo Brasileiro - Galeria Paulo Darzê, Salvador

2001 Tempo Brasileiro - Museu de Arte Moderna da Bahia,  
Salvador

2001 Samico - do Desenho à Gravura - Pinacoteca do Estado de  
São Paulo, São Paulo

### Exposições coletivas | Group Exhibitions

1955 XIV Salão Anual de Pintura, Museu do Estado de  
Pernambuco, Recife

1956 XV Salão Anual de Pintura, Museu do Estado de  
Pernambuco, Recife

1957 XVI Salão Anual de Pintura, Museu do Estado de  
Pernambuco, Recife

1958 Salão A Mãe e a Criança, Rio de Janeiro  
Salão da Estrada, Rio de Janeiro

VII Salão Nacional de Arte Moderna, Museu de Arte Moderna do  
Rio de Janeiro

XVII Salão Anual de Pintura, Museu do Estado de Pernambuco,  
Recife

1959 I Panorâmica das Artes Plásticas em Pernambuco, Cabanga  
late Clube, Recife

XVIII Salão Anual de Pintura, Museu do Estado de Pernambuco,  
Recife

VIII Salão Nacional de Arte Moderna, Museu de Arte Moderna do  
Rio de Janeiro

IX Salão Nacional de Arte Moderna, Museu de Arte Moderna do  
Rio de Janeiro

1961 Mostra Coletiva, Instituto Cultural Brasil-Estados Unidos, Rio  
de Janeiro

VI Bienal Internacional de São Paulo, Museu de Arte Moderna de  
São Paulo

X Salão Nacional de Arte Moderna, Museu de Arte Moderna do Rio  
de Janeiro

II Bienal de Jovens de Paris

1962 Panorâmica de Artes Plásticas, Clube Internacional do  
Recife

New Art of Brazil, Walker Art Center, Minneapolis, EUA

XXXI Bienal de Veneza

Arte de America y España, Madri

XI Salão Nacional de Arte Moderna, Museu de Arte Moderna do  
Rio de Janeiro

1963 Civilização do Nordeste, Museu do Unhão, Salvador

XII Salão Nacional de Arte Moderna, Museu de Arte Moderna do  
Rio de Janeiro

VII Bienal Internacional de São Paulo, Museu de Arte Moderna de  
São Paulo

III Bienal de Jovens de Paris

1964 I Bienal Americana de Grabado, Santiago

XIII Salão Nacional de Arte Moderna, Museu de Arte Moderna do  
Rio de Janeiro

1965 II Salão de Arte Moderna do Distrito Federal, Brasília

XIV Salão Nacional de Arte Moderna, Museu de Arte Moderna do  
Rio de Janeiro

1966 Mostra Coletiva, O Cruzeiro (Sucursal), Recife

O Rosto e a Obra, Galeria Casa Holanda, Recife

Exposição Internacional de Gravuras, Vancouver

V Bienal de Tóquio

Bienal de Arte Litúrgica, Trieste, Itália

40 Gravuras Nacionais e Estrangeiras, Museu de Arte  
Contemporânea, São Paulo

1967 Oficina Pernambucana, Museu de Arte Contemporânea, São  
Paulo

1968 XVII Salão Nacional de Arte Moderna, Museu de Arte  
Moderna do Rio de Janeiro

III Bienal Americana de Grabado, Santiago

II Bienal Nacional de Artes Plásticas, Sala Especial, Museu de Arte  
Moderna de Salvador

1970 I Bienal de Grabado Latinoamericano, San Juan, Porto Rico

1972 Mostra Coletiva, Galeria Casa de Olinda

Bienal de Arte Gráfica, Florença

Arte Brasil Hoje, Galeria Collectio, São Paulo

1973 33 Gravadores Brasileiros, Galeria Casa de Olinda

Exposição Franciscana, Galeria Ranulpho, Recife

1974 O Nordeste e suas Raízes Culturais, Reitoria da  
Universidade Federal de Pernambuco, Recife

1977 Arte Agora II: Visão da Terra, Museu de Arte Moderna do  
Rio de Janeiro

Nove Artistas Gravadores, Abelardo Rodrigues Galeria de Artes  
Recife

1979 XXXVI Salão Paranaense, Curitiba

1980 Panorama da Arte Atual Brasileira, Museu de Arte Moderna  
de São Paulo

1981 Mostra Coletiva, Galeria de São Paulo, São Paulo

Destaques Hilton de Gravura, Museu de Arte Moderna de São  
Paulo; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro; Casa da  
Gravura, Curitiba; ECT Galeria de Arte, Brasília; Palácio das Artes,  
Belo Horizonte; Museu de Arte Contemporânea, Recife;  
Teatro Castro Alves, Salvador; Museu de Arte de Santa Catarina,  
Florianópolis; Museu de Arte do Rio Grande do Sul, Porto Alegre

1982 V Mostra Anual de Gravura, Sala Especial, Curitiba

1983 Bienal de Grabado Iberoamericano, Montevideu

VI Salão Nacional de Artes Plásticas, Sala Especial, Rio de Janeiro

1984 Mostra Coletiva, Centro de Ciências, Bonn



Retrato e Auto-Retrato da Arte Brasileira, Museu de Arte Moderna de São Paulo  
Dix Artistes de Reate, Paris

1985 Destaque da Arte Contemporânea, Museu de Arte Moderna de São Paulo

Pintura ao Ar Livre, Galeria do Centro Cultural Cândido Mendes, São Paulo

XXXVIII Salão de Artes Plásticas de Pernambuco, Sala Especial, Museu do Estado de Pernambuco, Recife

Grabado, Cordel y Canción: el Nordeste del Brasil, Museu Nacional de Culturas Populares, Cidade do México

1986 Pernambucanos em Brasília, Galeria de Arte da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, Brasília  
A Cidade do Recife, Hoje, Galeria Futuro 25, Recife

1987 Arte sobre o Papel, Museu de Arte Moderna de São Paulo

1988 3 Gerações na Arte de Pernambuco, Estúdio A, Recife  
Os Ritmos e as Formas - Arte Brasileira Contemporânea, SESC, São Paulo

1989 Museu Charlottenborg, Copenhague

1990 Mostra Coletiva, Art Center, Dronninglund, Dinamarca  
Bienal Internacional de Veneza

1991 Viva Brasil Viva, Liljevallchs Konsthall, Estocolmo  
Pernambuco: Estética de Resistência, Galeria Artespaço, Recife  
Mulheres, Galeria Futuro 25, Recife  
Mestres e Contemporâneos, Rodrigues Galeria de Arte, Recife  
Arte sobre Papel III, Galeria Gamela, Recife

1992 Pernambuco: Estética de Resistência, Galeria Montesanti Roesler, São Paulo  
Ateliê Coletivo, Galeria do Centro Cultural Cândido Mendes, Rio de Janeiro

1993 Ateliê Coletivo, Hamburgo, Alemanha

Recife na década de 30, Rodrigues Galeria de Arte, Recife  
Xilogravura - do Cordel à Galeria, Fundação Espaço Cultural da Paraíba, João Pessoa

1994 Recife - Raízes - Resultados, Porto  
Cumplicidades, Cooperativa de Atividades Artísticas, Porto  
Recite Pintura e Poesia, Rodrigues Galeria de Arte, Recife

1998 Matrizes e Gravuras - Centro Cultural FIESP/Galeria de Arte do Sesi, São Paulo

2001 Arte Pará - Museu do Estado do Pará  
A Imagem do Som de Antonio Carlos Jobim, Rio de Janeiro

2002 A Arte Popular e o Popular na Arte - Centro Cultural Banco do Brasil, São Paulo

2003 Samico - Teatro Barreto Junior, Recife  
Ateliê FINEP- Paco Imperial, Rio de Janeiro

2005 Projeto Espaço Brasil - Carreau du Temple, Paris

## Prêmios | Awards

1957 1º Prêmio de Gravura - XVI Salão Anual de Pintura, Museu do Estado de Pernambuco, Recife

1958 1º Prêmio de Gravura - XVII Salão Anual de Pintura, Museu do Estado de Pernambuco, Recife

1960 1º Prêmio de Gravura - XIX Salão Anual de Pintura, Museu do Estado de Pernambuco, Recife  
Prêmio de Aquisição - IX Salão Nacional de Arte Moderna, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro

1961 Isenção de Júri - X Salão Nacional de Arte Moderna, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro

1962 Prêmio de Viagem ao País - XI Salão Nacional de Arte Moderna, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro

Prêmio de Arte Litúrgica - XXXI Bienal de Veneza

1964 Prêmio Maruja Buchard - I Bienal Americana de Grabado, Santiago

1968 Prêmio de Viagem ao Exterior - XII Salão Nacional de Arte Moderna, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro

1979 Prêmio SECE - "In Memoriam", Arthur Nisio, Curitiba

1980 Prêmio Museu de Arte Moderna - Panorama da Arte Atual Brasileira, Museu de Arte Moderna de São Paulo

1996 Prêmio Leandro Gomes de Barros (Coroamento da Obra), Secretaria de Cultura do Estado de Pernambuco  
Prêmio Nacional de Cultura - Artes Plásticas, Ministério da Cultura, Brasília (DF)

1996 Troféu Cultural Cidade do Recife

1998 Comenda da Ordem do Mérito Capibaribe da Cidade do Recife

1999 II Prêmio Johnny Walker - Rio de Janeiro

2004 Grande Prêmio da Crítica para exposição: SAMICO - do Desenho à Gravura, Pinacoteca do Estado de São Paulo - Associação Paulista de Críticos de Arte

Os textos de depoimentos de João Câmara Filho e Marcus de Lontra Costa presentes neste catálogo foram extraídos do debate ocorrido em 18 de agosto de 1998, no Teatro Apolo, reproduzidos no catálogo da retrospectiva de Samico realizada no Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães e, ainda deste mesmo catálogo, da Apresentação de autoria de Ramires Teixeira e a declaração de Ferreira Gullar. As citações de Frederico Moraes e Roberto Pontual foram extraídas, respectivamente, de:

**MORAES, Frederico. Samico.**

In: Revista Ícaro, n.145, ano XIII, 1966.

**PONTUAL, Roberto. Samico, fonte e refinamento.**

In: Revista Ele Ela, junho de 1977.

*The testimonials by João Câmara Filho and Marcus de Lontra Costa presented in this catalog were taken from a debate that took place on August 18th, 1998, at the Teatro Apolo, reproduced in the catalog of the Samico retrospective held at the Aloísio Magalhães Museum of Modern Art and also from this same catalog, the Introduction by Ramires Teixeira and the Testimonial by Ferreira Gullar. The quotes from Frederico Moraes and Roberto Pontual were extracted, respectively, from:*

**MORAES, Frederico. Samico.**

In: Revista Ícaro, n. 145, ano XIII, 1966.

**PONTUAL, Roberto. Samico, fonte e refinamento.**

In: Revista Ele Ela, junho de 1977.

Coordenação Geral  
Roberta Martinho  
OIYA Projetos Culturais

Curadoria  
Renata Pimentel

Produção Executiva  
Beatriz Alcântara  
José Luiz Sampaio

Fotografia | Obras  
Lusco  
www.lusco.com.br

Produção local  
Monica Monteiro e Indiana  
Góes Mônica Monteiro  
Sinhá Produções  
Educação e Cultura Ltda

Design  
Laura Sobral  
grupotrêma

Projeto Expográfico  
Eduardo Souza  
Art.Monta

Assessoria de Imprensa  
Rodrigo Machado  
Território Cultural

Registro Fotográfico  
Exposição  
Letícia Verdi

Registro Videográfico  
Exposição  
Alisson Machado

Tradução  
Thais Medeiros

Revisão português  
Marcos Mauro Rodrigues

Revisão inglês  
Julia Debasse

Acervo  
Família de Gilvan Samico

Molduras  
Marcelo Peregrino

Documentário

Direção  
José Sampaio

Fotografia  
Leonardo Virno

Trilha Sonora  
Sergio Kafedian

Finalização  
Studiointro

#### Agradecimentos

A toda a família de Samico, nas pessoas de Célida, Marcelo, Luciana e Joziane, que com generosidade nos acolheram nesta jornada, sobretudo em um momento de funda saudade.

A Pietra e Nina Martinho, Galiana Brasil, Laura Alves de Sousa, Lia Lubambo, Carlos Costa, Enilza dos Santos, Nuvem Produções, Raul Córdula, Amélia Couto Córdula, Ricardo Resende, Alex Cerveny, Bitú Cassundé, Fabrício Lopez, Dani Garcia e Silvia Selingardi Sampaio.

Visitação de 19 de março a 11 de maio de 2014

CAIXA Cultural Brasília | Galerias Piccola I e II  
SBS Quadra 4 Lotes 3/4, CEP 70092-900 Brasília/DF  
61 3206-9448 | 61 3206-9449  
caixacultural.df@caixa.gov.br

Entrada franca



patrocínio

produção



Studiointro  
bureau audiovisuel

